

Previsões econômicas vão de mal a pior

Segundo analistas, ano pode terminar com redução de 4% do PIB. Mas se o dólar passar de R\$ 2,50, a inflação fugirá do controle

Yone Simidzu
Da equipe do **Correio**

São Paulo — A desvalorização do real e a liberação do câmbio completam nesta semana dois meses. O Brasil pode não ter quebrado, mas o dólar disparou e a inflação voltou, como os economistas previam. Avaliar a reação da economia daqui até o final do ano, porém, é outra história. São poucos os que se arriscam a traçar os possíveis cenários para o futuro porque o momento é de incertezas. Para a maioria deles a única certeza é que o Congresso Nacional precisa aprovar as medidas de ajuste fiscal para que o país possa diminuir seu déficit público.

Cada economista tem a sua receita para decifrar a origem da crise econômica e indicar o melhor remédio para curá-la, dependendo da corrente de pensamento econômico à qual se filia. Na perspectiva otimista, a maioria deles aponta para a estabilidade das taxas de câmbio dentro de dois a quatro meses; inflação quase zero dentro de dois meses e juros em queda até o final do ano.

Ministro da Fazenda no governo Jose Sarney, Mailson da Nóbrega acredita que “todos os cenários vão depender do comportamento da taxa de câmbio”. Arquiteto da política econômica do “feijão com arroz”, na qual se buscava manter a inflação em níveis civilizados sem a adoção de medidas drásticas, Nóbrega projeta um cenário otimista se o governo fizer os ajustes necessários. Suas projeções: câmbio estabilizado entre R\$ 1,60 e R\$ 1,70 por dólar no final do ano; inflação acumulada de 20% medida pelo IGP-M; queda de 4% no Produto Interno Bruto (PIB); taxa de desemprego de 10%; saldo positivo de US\$ 3 bilhões a US\$ 5 bilhões na balança comercial e juros altos ao longo do ano, de 25% ao

ano em média, caindo para 15% ao ano no final de 1999.

Mas se der tudo errado e o mercado cambial sair do controle, fazendo com que dólar chegue a valer R\$ 2,50 ou mais, o Brasil vai estar “engrenado na reindexação, o que significa a morte do Plano Real”. Isso porque a inflação volta e depois de um patamar não cai mais. Mailson da Nóbrega alerta que nessas condições a inflação pode bater os 50% no ano.

Marcos Silvestre, diretor do Forrex-Centro Brasileiro de Orientação de Finanças Pessoais, alerta que se a inflação não for controlada no período de seis meses, a indexação será reestabelecida e a queda no PIB pode chegar a 5%.

RECESSÃO

As conseqüências disso são bem conhecidas pelos brasileiros: agravamento da recessão, perda do valor real dos salários, queda na taxa de investimentos e crise política, com a queda continuada do prestígio do presidente Fernando Henrique Cardoso, o que irá criar dificuldades em sua base de aliados.

Diretor da consultoria Austin Asis, Mário Alberto Lopes Coelho, concorda que com a contínua elevação do dólar em relação ao real e a manutenção de altas taxas de juros, “as empresas irão aplicar seus recursos no mercado financeiro em vez de investir na produção”.

Diante de tantas incertezas, como o ex-ministro Mailson da Nóbrega, o professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo Marco Antônio Vasconcellos alega que “desenhar cenários é muito difícil e arriscado”. Mas ele acha que os juros não deverão baixar muito. “Eles têm de ficar altos até o câmbio se estabilizar”. A explicação para que essas taxas se mantenham altas: o governo adota essa prática para evitar apostas ou

Marcos Fernandes



Consumidores em shopping de São Paulo: inflação alta pode voltar se o aumento do dólar fizer com que os preços e salários sejam indexados

ataques especulativos contra a política cambial e não para atrair capitais externos.

Os quatro economistas apontam a falta do ajuste fiscal como um dos principais causas da situação brasileira. Na contramão de seus colegas, o presidente da EFC - Engenheiros Financeiros e Consultores, Carlos Daniel Coradi, aponta a valorização do real em relação ao dólar como a fonte de todos os males. “A balança comercial do Brasil antes do plano real era superavitária. Depois passou a ser negativa. Há quem diga que o vendaval da globalização prejudicou mais o país do que a reversão da balança co-

mercial mas a meu ver a culpa é da defasagem cambial”, afirma.

“A economia brasileira está mal por causa da má condução da política cambial pelo governo”, concorda o professor da Escola de Administração da Fundação Getúlio Vargas, Guido Mantega. Ele e Coradi acham que o governo deveria ter feito o ajuste cambial quando tinha US\$ 70 milhões em reservas. Ambos defendem um ajuste fiscal que não implique em aumento de impostos para a população porque a arrecadação do governo é alta: a carga tributária corresponde a mais de 30% do Produto Interno Bruto (PIB). Na Argentina ela não

passa de 23%. No Chile, 21%.

Mantega acredita que a economia brasileira só vai reagir de forma positiva se promover uma política industrial e agrícola, intervir no mercado de câmbio, tomar medidas para evitar a fuga de capitais e renegociar vencimentos de curto prazo. “O que está faltando ao governo é uma negociação à altura de sua posição na economia mundial”, diz o professor, acrescentando que se o Brasil não conseguir tomar as medidas necessárias pode ter de pedir a moratória.

Coradi acredita que existem 50% de chances de o Brasil caminhar rumo a um cenário intermediário entre o pessimista e o otimista, com o

governo resolvendo parcialmente o seu déficit fiscal e o desequilíbrio no balanço de pagamentos. Mas esse cenário não deixa de ser negativo por causa dos problemas sociais que continuarão sem solução.

“O desemprego chegou a um ponto tão crítico que não dá para parar e a pressão social está se avolumando, tanto que não é mais bandeira exclusiva do PT. A homenagem da Câmara Americana de Comércio ao ministro Celso Lafer, que representa a ala produtiva do país, é um sinal”, argumenta, apoiando a tese de Mantega de que é necessário investir na produção para que o país volte a crescer e a gerar empregos.

CENÁRIOS

A concretização de cada um dos cenários previstos pelos economistas depende de algumas pré-condições, que variam de acordo com as premissas de suas correntes econômicas. Para os chamados neoliberais e os adeptos de políticas monetárias e fiscais como

instrumento, são medidas necessárias a aprovação do ajuste fiscal pelo Congresso Nacional, o controle do déficit público, a reforma tributária e a superação do impasse sobre as dívidas dos Estados. Eles acreditam que elas irão recuperar a credibilidade do Brasil, atrair os investimentos

externos e equilibrar as taxas de câmbio. Já para os chamados desenvolvimentistas, as condições são choque fiscal sem aumento de impostos, monitoramento do câmbio, redução das importações, investimento em produção industrial e agrícola e renegociação das dívidas.

OTIMISTA

- Inflação controlada, quase zero dentro de dois meses. No acumulado do ano, inferior a 10%
- Taxa de câmbio estabilizada entre R\$ 1,60 e R\$ 1,70 por dólar no final do ano
- Desindexação por ausência de inflação
- Queda de 1% a 4% no PIB
- Manutenção dos níveis de emprego

INTERMEDIÁRIO

- Disparada da inflação para 12% a 30%
- Taxa de câmbio na faixa de R\$ 1,60 a R\$ 1,70 por dólar
- Manutenção ou crescimento dos níveis de emprego
- Queda de 1% a 4% no PIB
- Manutenção ou aumento dos níveis de emprego

PESSIMISTA

- Descontrole da inflação, podendo variar de 20% a 50% ao ano
- Descontrole das taxas de câmbio, com o real podendo chegar a R\$ 4,00
- Volta da indexação de preços e de salários
- Queda de 5% no PIB
- Aumento do desemprego